

**III e IV Conferências Científicas Internacionais  
de Projetos Educativos para Seniores - 2019**

**IV international scientific conference of  
educational projects for seniors – RIPE+50**



**Goiânia - Brasil  
3th and 4th October 2019**

**LIVRO DE ACTAS / Minute book**

Coordenação: Luis Jacob

**RIPE 50 +**

**TÍTULO:** Livro de actas das III e IV conferências científicas internacionais de projetos educativos para seniores - *Minute book of III and IV international scientific conference of educational projects for seniors*

**COORDENADOR:** Luis Jacob – RUTIS/RIPE50+

**EDIÇÃO:** 1ª Edição digital, 208 páginas. Acessível em [www.ripe50.org](http://www.ripe50.org)

RIPE 50+, Rede Mundial de Projectos Educativos para maiores de 50

**EDITORA:** Euedito  
2019 Euedito - Portugal  
[geral@euedito.com](mailto:geral@euedito.com)  
[www.euedito.com](http://www.euedito.com)

**IV CONFERENCIA:** Goiânia - Brasil / 3 e 4 de Outubro de 2019

**III CONFERENCIA:** Santiago de Compostela – Espanha / 30 e 31 de Outubro de 2018

**ISBN:** 978-989-8983-06-0

Impressão Print On Demand Liberis

**DEPÓSITO LEGAL:** 458846/19

RIPE 50+

**AVISO LEGAL:** Este livro contém informações obtidas através de fontes autênticas. Foram efetuados esforços para publicar os dados e informações fiáveis, mas os coordenadores/editores, bem como a editora, não podem assumir a responsabilidade pela validade de todos os materiais ou pelas consequências do seu uso. Este livro, ou qualquer parte deste, não pode ser reproduzido ou transmitido por qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico ou suporte físico, incluindo fotocópias, microfilmagem, e gravação, ou por qualquer armazenamento de informações ou sistema de recuperação sem autorização prévia por escrito da RUTIS. Todos os direitos reservados. Autorização para fotocopiar itens para uso interno ou pessoal pode ser concedido por RUTIS. Aviso da marca comercial: Produto ou nomes de empresas podem ser marcas comerciais ou marcas comerciais registadas, e são usados somente para identificação e explicação, sem intenção de infringir.



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós



World Network of Educational Projects for + 50

Red Mundial de Projectos Educativos para + 50

Rede Mundial de Projectos Educativos para + 50

Visite o site da IV conferência in [www.ripe50.org](http://www.ripe50.org)  
Visit the website of the IV conference in [www.ripe50.org](http://www.ripe50.org)

## **IV Conferência Científica Internacional de Projetos Educativos para Seniores**

### **Programa**

Pontificia Universidade Católica de Goiás – Brasil

### **3 de Outubro de 2019**

Quinta-Feira – Período Matutino

9h – 10h30

Composição da Mesa Diretora

Apresentação Cultural: O tempo é tempo demais, mas é pouco” – Texto, adaptação e direção de Danilo Alencar e disciplina de Teatro da UNATI da PUC Goiás

Conferência inaugural – Envelhecimento, Educação e Sociedade – Leonardo Milhomem (Diretor do Departamento de Atenção ao Idoso do Ministério da Cidadania, unidade responsável pela Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa)

Conferência de abertura: A velhice – “coisa” do interesse humano: um olhar a partir da Educação – António Camilo Cunha (Professor doutor do Departamento de Teoria de Educação, Expressões Artísticas e Educação Física da Universidade do Minho- Braga/ Portugal)

10h30 – *Coffee break* - Mostra fotográfica: Faces da Velhice

11h – 12h – Painel I

Universidade do Envelhecer: da formação à atuação - Profa. Dra. Margô Gomes de Oliveira Karnikowski (Professora do Departamento de Farmácia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias da

Universidade de Brasília / Coordenadora do programa Universidade do Envelhecer – UnB)

A Relação entre Aprendizagem e Velhice: O ensino superior como mediador dos contextos educativos num mundo envelhecido – Prof. Dr. Ricardo Pocinho (Professor adjunto da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria – Portugal)

12h – Almoço

13h – 14h - Karaokê *Sênior* – com alunos e professores da UNATI da PUC Goiás ( disciplinas de inglês, francês e espanhol ) PUC IDIOMAS – aberto ao público da IV CIPES

14h – 14h20 – Apresentação Cultural: Orquestra Sertaneja de Pires do Rio/GO sob a regência de Glêick Silva e Carlos de Oliveira

14h – 16h – Painei II

Nuevos Profesionales para el siglo XXI – Raúl Carlos Drelichman (Professor e coordenador do Departamento de Ciências do Envelhecimento, da Universidade Maimónides – Argentina).

USP Aberta à Terceira Idade: a experiência da prática de oficinas físico-esportivas na busca pelo envelhecimento ativo. – Profa. Dra. Rosa Yuka Sato Chubaci (professora do curso de graduação em Gerontologia da USP).

16h – 16h20 – *Coffee break* – Exposição de banners

16h20 – 17h – Painei III

Conceção e desenvolvimento de projetos de aprendizagem e participação artísticos: práticas contextualizadas numa comunidade sênior – Profa. Dra Sandrina Milhano (Diretora da Escola Superior de Educação e Ciências do Instituto Politécnico de Leiria – Portugal)

Apresentação de Projetos/Pesquisas de Ações Educativas em Gerontologia e Processos de Envelhecimento

17h – 17h40 – Conferência de Encerramento: Dança Circular e Gerontologia: uma ferramenta na Educação – Profa. Danielli Montenegro (UNATI da PUC Goiás) e Profa. Dra. Cristina Bonetti (Coordenadora adjunta de pesquisa e Coordenadora do curso de especialização em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação – Universidade Estadual de Goiás)

17h40 – 18h – Apresentação Cultural: Dança Circular com alunos da Disciplina de Dança Circular – Profa. Danielli Montenegro

#### **4 de Outubro de 2019**

Sexta-Feira – Período Matutino

8h – 9h – Receção e Apresentação Cultural: Cultural: Coral Vida Ativa – Vila Nova – Goiânia/GO – Profa. Joelma Cristina Gomes

9h – 9h40 – Conferências de abertura: Envelhecimento Ativo como tema central em projetos europeus – Prof. Luis Jacob (Presidente da RUTIS e da RIPE+50, professor do Instituto Politécnico de Bragança – Portugal).

Conectando Gerações, Construindo Longevidade – Carlota Esteves (Instituto Longevidade Brasil – Rio de Janeiro)

9h45 – 10h30 – Painel IV

A solidão do idoso em meio rural: estratégias de intervenção - O Projeto Coração de Sicó – Prof. Dr. Rui Miguel Duarte Santos (Diretor Técnico em uma Instituição Particular de Solidariedade Social – IPSS)

O papel do Diretor Técnico nas estruturas residenciais para idosos: dilemas entre o ser, o querer e o ter – Prof. Dr. Cristovão Margarido (Subdiretor na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria – Portugal)

10h30 – 10h50 – Pausa para o café – Exposição de banners

11h – 11h45 – Painel V

Home care: um cuidado para todos – Flávia Reis Caixeta Aguiar (Gestora em Saúde / Consultora em qualidade de atendimento)

Formação do profissional cuidador: uma proposta de educação permanente – Maria Antonieta Turci Rulli ( Kaizen Saúde – São Paulo/SP – Núcleo Cuidadores)

12h – 13h30 – Almoço

13h30 – 16h – Painel VI

Os Conselhos de Direitos na formulação e efetivação de políticas públicas para o bem estar das pessoas idosas – Prof. Me. Jorge Nei Neves (Presidente do Conselho Estadual dos Direitos do Idoso do Paraná (CEDI/PR) e Professor do Quadro Próprio do Magistério – Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná)

Cérebro ativo: um programa para estimulação e educação em saúde cerebral e cognitiva – Me. Luciano Rodrigues de Oliveira (Diretor Executivo da LRO – Consultoria e Assessoria em serviços de desospitalização e transição de cuidados – São Paulo/SP)

Instituições de Ensino Superior abertas para pessoas idosas: espaços diferenciados de aprendizagem- Roberto Bastos de Oliveira Júnior (Prefeitura Municipal de Lorena/SP e Grupo de Pesquisadores do Centro UNISAL)

O ensino da língua estrangeira para os +60: como fazemos? - Alex de Andrade Medeiros, Svetlana Guerreiro Chaves Garrido, Cristiane Azevedo Souza, Ciaran Francis Leonard (Professores da UNATI da PUC GOIÁS)

16h – 16h20 – *Coffee break* – Exposição de banners

16h20 – 17h – Mesa redonda: A universidade como mediadora de novas práticas na velhice – convidados

17h – 17h30 – Apresentação Cultural ITEGO Basileu França: peça teatral “A falecida idade”, inspirada no estudo da obra “*A falecida*“, de Nelson Rodrigues, sob a coordenação da professora Joana D’Arc Leite e direção da professora Luciana Gonçalves. 17h30 – Sessão de encerramento

## Índice

- I - Perspetiva histórica da construção da imagem da Pessoa Idosa por Carlos Pires Magalhães, Maria Augusta Pereira da Mata e Hélder Jaime Fernandes 9-23 pp.
- II - Idade(s) da (s) Velhice(s) e Envelhecimento(s): Questionamentos atuais do envelhecimento ativo e saudável na intervenção em estruturas residenciais para idosos por Ricardo da Silva Crispim 24-47 pp.
- III - A Relação entre Aprendizagem e Velhice: O ensino superior como mediador dos contextos educativos num mundo envelhecido por Ricardo Pocinho, Cristovão Margarido Rui Santos e Sandrina Milhano 48-61 pp.
- IV - Conquistas silenciosas: contribuições de um programa educacional para a maturidade no combate à depressão por Kerolyn Ramos Garcia, Joaquim Trajano Pinto Soares Lima, Thays Nunes Silva, Marileusa Dosolina Chiarello e Margô Gomes de Oliveira Karnikowski (Brasil) 62-76 pp.
- V - O digital aproxima-nos: uma ação artístico-educativa para motivação ao uso de meios digitais por Lisa Valéria Vieira Torres e Eduardo Araújo de Ávila (Brasil) 77-83 pp.
- VI - Efeitos de um programa de exercício físico na aptidão física de um grupo de idosos institucionalizados por Carina Samorinha, Leonel Preto, Eugénia Mendes, Hélder Fernandes e André Novo 84-103 pp.
- VII - Igualdade de Género, porquê e para quê? por Céu Martins 104-127 pp.

### **III - A RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E VELHICE: O ENSINO SUPERIOR COMO MEDIADOR DOS CONTEXTOS EDUCATIVOS NUM MUNDO ENVELHECIDO**

<sup>1</sup>Ricardo Pocinho, <sup>1,2</sup>Cristovão Margarido, <sup>1,2</sup>Rui Santos e <sup>1</sup>Sandrine Milhano,

1 - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

2 - CICS.NOVA.IPLeia – ESECS - Politécnico de Leiria

**“Ninguém é tão ignorante que não tenha algo a ensinar.  
Ninguém é tão sábio que não tenha algo a aprender.” (Blaise Pascal)**

#### **Introdução**

## RIPE 50+

O envelhecimento populacional é cada vez mais evidente nas sociedades atuais e “constitui-se como um dos maiores desafios do século XXI” (Oliveira & Cruz, 2015, p. 63). No ano de 2016, a população residente em Portugal com mais de 65 anos representava 20,9% dos indivíduos. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2017), em Portugal, o número de idosos (população com mais de 65 anos) está a aumentar e poderá passar de 2,1 milhões para 2,8 milhões de pessoas entre 2015 e 2080. Esta “revolução gerontológica” deve-se, fundamentalmente, à diminuição da taxa de natalidade e ao aumento da esperança média de vida, já que se verifica um aumento da população idosa - que passará de 2,1 milhões para 2,8 milhões de pessoas - e um decréscimo da população jovem - que diminuirá dos 15 milhões para menos de 1 milhão (Instituto Nacional de

Estatística, 2017). Este fenómeno é mundial, embora a Europa seja o continente mais envelhecido do mundo - estima-se que em 2050 haja 34% de pessoas idosas (UNFPA, 2012). É neste sentido que Simões (2002) refere que “o envelhecimento da população tem, nos nossos tempos, um alcance universal: verifica-se, não apenas nos países desenvolvidos, mas também nos países em vias de desenvolvimento, só que, nestes últimos, não é acompanhado pelo declínio da população mais jovem” (p. 560).

A população idosa deve e tem de ser valorizada, pois as pessoas mais velhas “têm sabedoria e experiência que os mais novos não têm” (Sousa & Oliveira, 2015, p. 407), que uma grande parte das vezes leva a caminhos de sucesso, criatividade e participação assinaláveis. É, portanto, fundamental sensibilizar os nossos idosos para o imenso valor que têm, e para a tomada de consciência de que toda a aprendizagem que adquiriram ao longo do seu percurso de vida não se perde, pelo contrário “está presente em cada dia que se vive” (Sousa & Oliveira, 2015, p. 407).

São muitas as crenças que se referem à fase da velhice, caracterizando-a como sendo negativa, muito embora os avanços da investigação científica nesta área seja já significativo (e.g., Villas-Boas, Ramos, Amado, Oliveira & Montero, 2017; Trindade, Conde, & Pocinho, 2017; Cruz, Navarro, Pocinho, Anjos & Jacob, 2018). Mas é importante salientar que cada pessoa não envelhece da mesma forma, ou seja, as pessoas envelhecem de forma diferente umas das outras (Cancela, 2007), sendo os grupos humanos tanto mais heterogéneos quanto mais idade têm (Simões, 2006; Pocinho, Lacerda & Santos, 2015; Lima & Oliveira, 2015; Pocinho & Belo, 2018).

## **Aprendizagem ao longo da vida**

Nos últimos anos, a necessidade de educação e aprendizagem têm sido um tema em foco. Os indivíduos que se encontram na vida laboral ativa têm a percepção que se devem manter em permanente atualização, com a finalidade de conseguirem acompanhar o ritmo do dinamismo social, económico e tecnológico. Quando um adulto de idade avançada decide ingressar numa universidade de terceira idade não será pela requalificação profissional ou pelo ingresso no mercado de trabalho mas, provavelmente, pelas necessidades de autorrealização, o bem-estar global e a melhoria da qualidade de vida. A este propósito, Rebelatto e Morelli (2004, p. 26) afirmam que “uma boa qualidade de vida na velhice tem relação direta com a existência de condições ambientais que permitam aos idosos desempenhar comportamentos biológicos, sociais e psicológicos adaptativos”.

Os termos Educação e Aprendizagem, apesar de se relacionarem, não são sinónimos. Em termos etimológicos, aprender vem do verbo *aprehendere*, cujo significado é agarrar, apoderar-se. Logo, aprender é “agarrar um conteúdo proposto”, não significando necessariamente compreensão (Simões, 2007, p. 33). A aprendizagem pode definir-se como sendo uma mudança, mais ou menos estável, da conduta produzida como efeito da prática, sem a qual o ser humano não poderia responder a estímulos intrínsecos e extrínsecos a que está sujeito, e de se adequar às variadas situações com que se vê confrontado durante toda a sua vida. Além disso, é um processo vital e indissociável de todo o ciclo vital de um indivíduo, em qualquer tempo, cultura e época histórica. Conforme Simões (2007, p. 34),

“educar-se é tornar-se humano, ou melhor, é tornar-se mais humano” e, assim sendo, a educação preconiza sempre uma mudança para melhor, em que o indivíduo aumenta os seus valores morais e éticos, ou seja, “(...) é agir moralmente” (p. 15). Para este autor, ao relacionar a educação com a aprendizagem “ (...) educar é aprender a ser (...)” ou, dito de outro modo, “(...) educar é aprender a ser melhor” (Simões, 1989, p. 6). Segundo Simões (2007, p. 43), a educação é a “(...) orientação do desenvolvimento, mas, de acordo com uma conceção, que tem em conta a eminente dignidade e superioridade da pessoa humana e a transcendência da ordem moral”.

A visão humanista de educação acima referida desvia-se, significativamente, da perspectiva da escola convencional formal, muito mais focada nos saberes, no conhecimento e no ensino, do que na educação. Este entendimento mostra um discernimento dos seres humanos livres, morais e autónomos que, segundo Freire (2008, p. 19), são “(...) seres condicionados mas não determinados”, ou seja, encontramos a ideia do inacabamento do humano. Ter perceção do seu inacabamento é primordial para a educação do ser humano, porque este facto incute-lhe a consciência de que pode sempre mudar, melhorar e progredir. Segundo o Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida (2000), a motivação individual para aprender e a disponibilização de várias oportunidades de aprendizagem são, em última instância, os primordiais fatores para a concretização bem-sucedida de uma estratégia de aprendizagem ao longo da vida. Neste mesmo documento é salientado, também, que os sistemas de aprendizagem devem ser adaptativos às circunstâncias de mudança em que os indivíduos se organizam e gerem as suas vidas. Na verdade, o ser humano nunca pára de

aprender independentemente da idade, condição física, mental, social e económica. Já Comenius, pedagogo do século XVII, defendia a ideia de que a educação era destinada para todos, logo, todos descobririam a verdadeira cultura. As fases diferenciadas do desenvolvimento humano, assim como os estereótipos conotados com a idade, nomeadamente o referente ao declínio intelectual, são típicos das sociedades ocidentais. A idade transporta, no domínio das representações sociais, uma aceção de diferenciação e desigualdade, conduzindo a que se construa, socialmente, a conceção de que a importância dos grupos etários é diferenciada.

A adultez avançada (ou velhice) não é, comumente, olhada como sendo um período próprio à aprendizagem humana (por vezes até é vista como um regresso à infância, com a consequente perda de capacidades e autonomia). Neste sentido, Neves (2009) e Boshier (1998) concluem, quando se referem ao termo educação, que este é afetado por opções governamentais que têm por objetivo o acesso ao conhecimento através das oportunidades educativas existentes, em diferentes momentos ao longo de toda a vida. Relativamente ao termo aprendizagem, Costa (2005) e Neves (2009) consideram que este contém um sentido do campo da responsabilidade individual, no que respeita ao próprio percurso educativo, ponderando os seus interesses, necessidades e objetivos. Cunningham (1988) alude que, socialmente, tem-se instituído a infância e a juventude como sendo as idades apropriadas para a aprendizagem. A educação do adulto idoso, também por vezes denominada de gerontologia educativa e/ou de educação gerontológica (Oliveira, 2008b; Trindade, Conde, & Pocinho, 2017; Cruz, Navarro, Pocinho, Anjos & Jacob, 2018), assume um papel

fulcral numa sociedade que ainda marginaliza este indivíduo. Willis e Schaie (1981) propõem-nos cinco objetivos para a educação dos adultos idosos:

- (i) ajudá-los a compreender as modificações corporais e comportamentais (essencialmente as alterações cognitivas ao nível da memória e resolução de problemas) que advêm com o avançar da idade; (ii) fazer com que entendam as mudanças extremamente rápidas de índoles tecnológica e cultural das sociedades contemporâneas, nomeadamente, o manuseamento das novas tecnologias informáticas e das redes sociais; (iii) torná-los aptos para o desenvolvimento de capacidade de luta contra as consequências, na primeira pessoa, das mudanças socioculturais e do envelhecimento; (iv) apetrechá-los de novas aptidões para lidarem com situações desconhecidas e (v) fazer com que acedam a um nível satisfatório de desenvolvimento e que descubram novos papéis como, por exemplo, o voluntariado. Do atrás exposto, podemos inferir que a gerontologia educativa tem de assumir um papel específico, não se podendo rever e reproduzir a partir do modelo escolar tradicional. A educação de adultos em idade avançada teve, nos seus primórdios, a tentativa de alfabetização de grupos que, por causas económicas e sociais, não tiveram a oportunidade de aprender a ler e a escrever.

Atualmente, a educação para os adultos idosos tem uma finalidade diferente. Cada vez mais se nota a contradição intergeracional, ou seja, a diferença de motivação entre os aprendentes jovens e os aprendentes idosos. Os primeiros, por norma, contam o tempo para saírem da universidade pois,

em muitas situações, os estudos processam-se por obrigação e/ou imposição familiar e numa lógica de encontrarem as competências para o emprego futuro, enquanto os segundos não desejam de lá sair, porque fazem-no por prazer, para incrementar o seu leque de conhecimentos, tendo como grande finalidade viver com maior qualidade de vida e desenvolver potencialidades e habilidades que nunca supuseram ter. A educação nos indivíduos idosos procura facilitar-lhes a vida, o seu contacto com novas sociedades e tecnologias e, principalmente, permitir-lhes a aquisição de autonomia em determinados aspetos.

## **Benefícios da educação ao longo da vida**

Corazza (2005) dá-nos exemplos de locais e de atividades sociais, de lazer, desportivas, económicas e jurídicas que podem ser frequentados pela população sénior e cuja finalidade principal é mantê-los ativos como, por exemplo, associações e clubes da Terceira Idade (onde são patrocinadas festas, bailes, etc.) e Faculdades/Universidades, abertas aos adultos em idade avançada, aos quais se acrescenta os Centros de Convívio. A frequência destes locais dá a oportunidade aos idosos de se manterem em contacto direto com o mundo, combaterem o isolamento e o receio de não serem aceites no seu contexto (Trindade, Conde & Pocinho, 2017; Cruz, Navarro, Pocinho, Anjos & Jacob, 2018). Oliveira (2008b, p. 8) afirma que “nem sempre compreendemos a educação fora do chamado período escolar, nos anos da infância e da juventude”. Há que combater os estereótipos, fomentando que ser idoso não é uma doença e/ou deficiência, não precisa de ser isolado e estar de quarentena, que os anos e as rugas não são

contagiosos, mas sim sinónimo de experiência, vivência, saberes, êxitos/sucessos, erros/fracassos, lágrimas/alegrias. A educação na população sénior demonstra, não só aos próprios, mas a todos os que os rodeiam que, independentemente da idade, eles podem aprender a viver de uma forma ativa, desfrutar de autonomia e liberdade e que é possível acompanharem a evolução da sociedade.

Quando os adultos em idade avançada conseguem preservar as funções mentais sem alterações, é motivo mais do que suficiente para que se continuem a educar e manter ativos, pois a sua inteligência não se transforma, mas antes necessita de exercício e estimulação. É incontornável que a educação em adultos de idade avançada só lhes traz benefícios. Neri e Debert (1999) afirmam que a educação para os idosos pode ser relevante para a sua alfabetização, para a educação em saúde, assim como para a obtenção de informação sobre o processo de envelhecimento. Através da educação podem desenvolver-se novos papéis para esta população, cooperando com os seus saberes acumulados ao longo de toda a vida.

A sua participação em atividades educacionais poderá beneficiar a sua inclusão e bem-estar sociais (Pocinho, Lacerda & Santos, 2015; Lima & Oliveira, 2015; Pocinho & Belo, 2018). Segundo Sá (2004, p. 368), “falar de educação e envelhecimento é falar da vida, de existência e plenitude. É vislumbrar o ato educativo, preche de possibilidades e de humanidade, num movimento orgânico de ação e reflexão, de trocas intensas, de empoderamento, de inclusão, de transformação incorporada ao dinamismo da vida individual e coletiva”. Dito de outro modo, a educação proporciona

o conhecimento e o autoconhecimento, possibilitando ao adulto idoso comunicar e interagir socialmente, quer com os seus pares, quer com os outros, independentemente da idade. Por vezes, são as próprias pessoas de idade avançada que veiculam a ideia de que a idade é uma barreira intransponível à aprendizagem. Esta autoimagem é adquirida por via social, através de crenças erróneas.

## **As Universidades Seniores em Portugal**

Nos anos 70 do século XX, mais precisamente em 1978, surge em Portugal a primeira Universidade da Terceira Idade (UTI), sem fins lucrativos e baseada na aprendizagem não formal, tendo como referência o modelo inglês (Machado & Medina, 2012). O objetivo deste tipo de universidade era “assumir-se como instituição cultural e educativa, pretendendo valorizar a imagem do idoso como alguém com capacidades para ser útil à sociedade, contribuindo para o seu desenvolvimento” (Velo, 2007, p. 273). A instituição em causa, não tinha, pois, como finalidade a ação social, isto é, ajudar os idosos com necessidades financeiras, mas sim promover, junto das pessoas de idade avançada, um estilo de vida autónomo e ativo.

Para Velo (2007), a UTI tinha como ambição alertar para as potencialidades dos adultos idosos, colaborar para o seu desenvolvimento e para a sua integração social. Segundo este autor (p.91), essencialmente, a UTI “visava valorizar o idoso, as suas capacidades e potencialidades na área educativa, quer seja como aprendiz/formando, quer seja como

educador/formador, reconhecendo os seus conhecimentos numa sociedade em que tal não se verificava”. Os alicerces da UTI surgiram da iniciativa do engenheiro civil Herberto Miranda e da sua esposa, Celeste, em 1978, numa época em que se pugnava pela manutenção do idoso na sua residência. Assim, foram criadas múltiplas estratégias com o objetivo de manter a pessoa idosa no domicílio e promover um novo estilo de vida que contribuísse para a difusão de uma nova imagem social dos adultos idosos. Esta nova política representa uma rutura com o anterior paradigma e com a forma de intervir nas pessoas adultas em idade avançada. Veloso (2007) afirma que, desde 1976 até 2008, não havia uma política para esta população que os abarcasse de forma global e integrada. A política daquela fase pugnava pela manutenção dos mais idosos e dependentes no domicílio. O mesmo se passou relativamente ao direito à educação desta população.

As UTIs existentes em Portugal, cerca de 200 (Jacob, 2012), comungam de poucos objetivos com os Centros de Convívio/Dia, salientando-se, no entanto, que a população para que estão vocacionados tem características diferentes. Nas primeiras, a população é autónoma física e psicologicamente, manifestando alguma debilidade no conhecimento das novas tecnologias, o que os leva a frequentarem, com persistência, estes cursos. Nos segundos, a população, por norma, padece de dificuldades físicas e/ou mentais e são, maioritariamente, centros onde os familiares deixam os seus entes queridos durante o dia, quer para trabalharem quer para descansarem um pouco e poderem ter algum tempo para eles. Nas UTIs, os cursos são lecionados por especialistas nas diferentes áreas (professores e/ou alunos), enquanto nos centros encontramos fisioterapeutas,

enfermeiros, psicólogos, entre outros especialistas, para prestarem assistência à população idosa. No entanto, há aspetos comuns entre as UTIs e os Centros de Convívio: criar relações interpessoais e a socialização entre pares, combater o isolamento e a degeneração cognitiva e, de algum modo, proporcionar uma melhor qualidade de vida.

De acordo com Jacob (2012), alguns dos fatores que contribuíram para a criação das UTIs foram o envelhecimento da população e as dificuldades de adaptação a novos estilos de vida após a reforma. Neste sentido, é importante esclarecer que em Portugal as UTIs não pertencem ao sistema de ensino regular e regem-se pelos princípios da aprendizagem informal. Uma vez que não funcionam dentro do sistema escolar, não podem avaliar nem certificar (Jacob, 2012). Constituindo estabelecimentos de educação não formal, as UTIs, em geral, oferecem aos seniores uma grande diversidade de cursos livres, principalmente na área das humanidades, da sociologia, das línguas estrangeiras, da leitura e escrita criativa, da saúde, das artes e das novas tecnologias da informação e da comunicação. Estas dispõem ainda de uma grande diversidade de atividades, tais como: coro, ginástica, teatro, natação, música e trabalhos manuais (Jacob, 2012).

As Universidades da Terceira Idade, em Portugal, estão ligadas a uma entidade conhecida por RUTIS (Rede de Universidades da Terceira Idade) que é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. Esta tem como objetivos principais a “promoção do envelhecimento ativo e a valorização das Universidades Seniores” (RUTIS, s.d.).

Concluindo, podemos referir que as “UTIS visam o combate à solidão, ao isolamento dos mais velhos através do conhecimento e do convívio” (Jacob, 2012) e constituem-se como poderosos centros de educação ao longo da vida, especialmente vocacionados para as pessoas com mais idade.

## Referências bibliográficas

- Cancela, D. (2007). *O processo de envelhecimento*. Acedido em 24 de outubro de 2019 em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0097.pdf>
- Corazza, M. (2005). *Terceira idade e atividade física*. São Paulo: Phorte.
- Costa, J. A. (2005). *Competências adquiridas ao longo da vida: Processos, trajectos e efeitos*. Dissertação de Mestrado. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Cruz, Cristina et al. *A auto-eficácia na adaptação aos desafios do envelhecimento*. Revista Lusófona de Educação, 38: 181 – 194.
- Cunningham, W. (1988). *Gerontology: the psychology, biology and sociology of aging*. New York: Harper & Row.
- Freire, P. (2008). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* (37ª ed.). São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Jacob, L. (2012). *Universidades Seniores: Criar projectos de vida*. Almeirim: RUTIS.
- Machado, F. S., & Medina, T. (2012). *As Universidades Seniores: Motivações e repercussões de percursos em contextos de aprendizagem*. Educação, Sociedade & Cultura, 37, 151- 167.
- Neri, A. L., & Debert, G. G. (1999). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus.

- Neves, C. S. (2009). *Estratégias de aprendizagem ao longo da vida na União Europeia – Análise crítica e comparativa das estratégias de aprendizagem ao longo da vida de cinco estados – membros*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- Oliveira, J. H. B. (2008b). *Psicologia do idoso: Temas complementares*. Porto: LivPsic.
- Oliveira, A. L., & Cruz, A. C. (2015). *O papel do sentido da vida e do mindfulness na compreensão do bem-estar de alunos de Universidades Seniores*. Exedra, Contributo para uma abordagem multidisciplinar do envelhecimento: Teoria, investigação e prática, número temático, 61-78.
- Pocinho, R., Belo, P. (2018). *Nota introdutória: Educação ao Longo da Vida*, Revista Lusófona de Educação , 38: 99 – 100.
- Pocinho, R., Lacerda, J., Santos, G. (2015). *Perceções e ajustamentos dos Professores de Universidades Seniores nos contextos educacionais com idosos*, Sinéctica, 45: 1 – 16.
- Rebelatto, J., & Morelli, J. (2004). *Fisioterapia geriátrica: a prática da assistência ao idoso*. São Paulo: Barueri.
- Sá, J. L. M. (2004). Educação e envelhecimento. In Py, L., *Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais* (pp. 345-374). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Simões, A. (2002). *Um novo olhar sobre os idosos*. Revista Portuguesa de Pedagogia, 36 (1,2,3), 559 – 569.
- Simões, A. (2006). *A nova velhice: Um novo público a educar*. Porto: Ambar.

- Simões, A. (2007). O que é a educação? In A. Castro Fonseca, M. F. da Fonseca Gaspar, M. J. Seabra-Santos (Eds.), *Psicologia e educação. Novos e velhos temas* (pp. 31-52). Coimbra: Almedina.
- Sousa, E., & Oliveira, M. (2015). *Viver a (e para) aprender: Uma intervenção - ação para a promoção do envelhecimento ativo*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 18 (2), 405-415.
- Trindade, B.; Conde, M. J.; Pocinho, R. F. S. (2017). *Estudo da importância da animação sociocultural em contexto educativo*, Quaderns d'Animació i Educació Social, 26: 1 – 19.
- Veloso, E. C. (2007). *As Universidades da Terceira Idade em Portugal: um contributo para a análise da sua emergência*. Revista Portuguesa de Pedagogia, 41-3, 263-284.
- Villas-Boas, S., Ramos, N., Amado, J., Oliveira, A. & Monteiro, I. (2017). *A redução de estereótipos e atitudes negativas entre gerações – O contributo da educação intergeracional*. Laplage em Revista, 3(3), 206-220.
- Willis, S., & Schaie, K. (1981). Maintenance and decline of adult mental abilities. In F. Grote & R. Feringer, *Adult learning and development*. Bellingham: Washington University.